

As novas mídias: a internet e o Facebook como plataforma de divulgação de mobilizações sociais¹

Los nuevos medios : internet y Facebook como plataforma de difusión de la movilización social

Anelise Lorenzon MACHADO²
Patricia Milano PÉRSIGO³

Resumo

O trabalho aborda a mídia digital como apoio aos movimentos sociais e a forma como eles transcendem a utilização dos meios tradicionais de comunicação na divulgação de sua plataforma de trabalho. Para a composição da base do referencial teórico, utilizamos os autores Castells (1999; 2013), Gohn (1997; 2000; 2003; 2008; 2013), Habermas (2003) e Peruzzo (1986; 1998). Apresentamos a evolução, transformação e discutimos a estruturação dos movimentos sociais, analisando as suas formas de inserção na mídia. No presente artigo realizamos uma análise da utilização do Facebook pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra durante as Jornadas de Junho de 2013. Dessa forma, é perceptível que a participação do público das ruas durante as mobilizações não significaram engajamento do movimento, no que se refere a utilização desse espaço digital como forma de divulgação e debates.

Palavras-chave: Internet. Facebook. Movimentos Sociais. MST.

Resumen

El trabajo analiza los medios de comunicación como apoyo a los movimientos sociales y la forma en que trascienden el uso de los medios tradicionales en la difusión de su plataforma de trabajo. Para la composición de la base del marco teórico, los autores utilizan Castells (1999; 2013), Gohn (1997; 2000; 2003; 2008; 2013), Habermas (2003) e Peruzzo (1986; 1998). Esta es la evolución, transformación y discutir la estructuración de los movimientos sociales, el análisis de sus formas de inserción en los medios. En este artículo vamos a cabo un análisis del uso de Facebook por el Movimiento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra en junio de 2013. Días De este modo, es evidente que

¹ Artigo apresentado no GT 3 – Comunicação e Culturas Populares do Simpósio Internacional de Comunicação e Cultura, realizado na Universidade Municipal de São Caetano do Sul, em abril de 2015.

²Graduada do Curso de Relações Públicas Multimídia da UFSM/FW email: machado_anelise@hotmail.com

³ Professora doutora do Curso de Relações Públicas Multimídia da UFSM/FW. E-mail: patriciapersigo@gmail.com

la participación pública en las calles durante las manifestaciones no significaba movimiento comprometido, en cuanto a la el uso de este espacio digital como medio de difusión y debate.

Palabras clave: Internet. Facebook. Los movimientos sociales. MST.

Introdução

Ligados ao terceiro setor, os movimentos sociais⁴, baseados na sua ideologia, buscam, cada vez mais, formas de adquirir visibilidade. Com as estratégias de agendamento midiático, buscam estar visíveis para conquistar mais adeptos e disseminar as suas plataformas de reivindicações, garantindo a permanência de seus ideais para alcançar mudanças na esfera social.

Atualmente, a utilização das mídias pelos MS é uma das principais fontes para o engajamento de novos participantes. Planejar a melhor forma de conquistar espaços nos meios de comunicação é, hoje, essencial para a sobrevivência dos movimentos. Se as estratégias de inserção em diversas mídias obtiverem resultados, os MS conseguirão uma forma de influenciar a opinião pública, propagando suas plataformas de trabalho. Assim, nosso objetivo neste artigo é refletir sobre o uso da rede social digital *Facebook* pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no período que compreende as Jornadas de Junho, em 2013 no Brasil. Escolhemos esse período pelo fato de que a plataforma digital serviu como mobilizadora dos militantes em busca de apoio da opinião pública e na reivindicação de suas lutas, colocando em pauta nas mídias tradicionais assuntos de relevância no cenário nacional.

Para Peruzzo (1998), os MS passam, ao longo do tempo, por mudanças na forma como se estruturam, desde a maior mobilização, até a conversação com o governo e a forma de atribuir poderes para uma maior relação e debates dos seus temas. Na contemporaneidade, Castells (2013) fala que as mídias digitais buscam outra forma de integração desses movimentos, um novo jeito de aparição e mobilização, sem precisarem, para tanto, das mídias tradicionais.

⁴ Em trechos do texto, para síntese da leitura, será utilizada sigla “MS” para referenciar os movimentos sociais.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, ao longo da sua existência, buscou formas de pautar a mídia e de se fazer presente da maneira mais positiva possível. As mudanças em sua estrutura fizeram com que se tornasse um movimento organizado, constituído por profissionais de comunicação, os quais atuam na disseminação de informações referentes ao movimento. O MST também adentrou nas mídias sociais digitais, possuindo um alcance maior na divulgação do que acontece em seus assentamentos e acampamentos. Dessa forma, as informações do grupo alcançam uma amplitude maior e com mais chances de se tornarem efetivas e de perpetuarem-se no tempo, através das gerações, minimizando um possível passado de imagem negativa ou até de esquecimento dos valores e objetivos do movimento.

Assim o artigo está estruturado em três partes apresentando inicialmente a história dos movimentos sociais e a mídia como elemento desse processo. Encaminhamos para o segundo tópico introduzindo a internet como nova mídia e como possibilidade de utilização pelos MS. Por fim, realizamos uma análise da utilização do Facebook pelo MST durante as Jornadas de Junho.

1 Movimentos sociais: histórico e formação

À década de 1980, aqui no Brasil, estão ligados os novos MS, voltados para o lado urbano da sociedade, e vinculados, de certa forma, à Igreja Católica. Nessa época, o entusiasmo sobre esses movimentos davam destaques à abertura do governo e os distanciava de um estado autoritário. Gohn (2003, p.26) coloca que esses MS começaram a ganhar destaque e “eram movimentos que tinham ganho expressão naquele período, embora eles tenham igualmente ressurgido no Brasil ao final dos anos 70”.

Ao passar do tempo, esses movimentos sociais sofreram mudanças devido ao cenário político da época, o crescimento de instituições públicas e novas formas de avaliação e participação pública. Antes pautados pela elite política, os MS estavam, nessa época, descrentes e desgastados pela falta de legitimidade de seus ideais. “No decorrer dos anos 80, os movimentos sociais no Brasil passaram, no plano da atuação concreta e no plano das análises que lhes são feitas, da fase de otimismo para a perplexidade e, depois, para a descrença” (GOHN, 2003, p. 29).

As mudanças na forma como os MS se organizaram começaram como uma forma de atrair pessoas engajadas em protestos nas ruas, divulgando os seus objetivos e atingindo satisfatoriamente satisfatória a mídia. Na segunda fase, os MS se organizaram internamente em associações, mais voltados em fortalecer a comunicação em seus canais internos para gerar engajamento. Por esse motivo, não tiveram aparições midiáticas. Como salienta Downing (2004, p. 67), “a comunicação efetiva no interior dos movimentos sociais e praticada por eles é, portanto, uma necessidade vital para que a automobilização possa ocorrer e prosperar”.

Outra fase importante para se entender os MS, ainda de acordo com Downing (2004), é a fase de articulação, quando os movimentos passam a não enfrentar o governo e, sim, a achar uma forma de debater e colocar em pauta os assuntos de interesse público. Em um quarto momento, aceitam parcerias e buscam aliar-se com outras entidades para fortalecer os ideais e buscar reconhecimento da sua importância perante a sociedade atual. Nesse momento, os MS começam a profissionalizar a forma como se relacionam com a mídia de massa, buscando profissionais da comunicação para lidar com esse relacionamento. É o profissionalismo nas relações com a mídia que garante a esses grupos as conquistas mais notáveis nesse novo cenário: a colocação, na agenda pública, de discussões dos temas representados por eles e o seu prestígio junto à opinião pública.

Também é importante perceber que a evolução dos MS se dá por meio da evolução dos meios de comunicação. Quando novas mídias, como a radical, citada anteriormente, começam a serem valorizadas, os próprios movimentos dão início à criação de seus materiais de divulgação. Independente do tipo de forma de divulgação, confere um apoio muito importante para a criação da plataforma de ação utilizada pelos militantes. Nesse processo, a internet surge como aliada, oferecendo mais uma forma de exposição.

Diferentes formas de expressões e práticas culturais podem oferecer a possibilidade de novas formas de identidade, gerando novos significados aos acontecimentos. Os movimentos e grupos sociais organizados tentam também criar sua própria mídia, quer seja para divulgarem suas notícias e ideias, quer seja para registrarem suas histórias e tradições, criando suas próprias histórias. (GOHN 2000, p. 24).

A mídia se torna um processo fundamental na existência dos MS, pois é do jeito que ela os reporta que construiremos, em nosso imaginário, opiniões sobre os

movimentos. As estratégias midiáticas também são de grande importância, pois os movimentos, ou os eles são manchetes, ou são ignorados – tudo isso dentro de noções políticas e ideológicas.

A mídia tem retratado os movimentos segundo certos parâmetros político-ideológicos dados pela rede de relações a que está articulada. Os interesses políticos e econômicos formatam as considerações e as análises que configuram a apresentação das informações, denotando um processo onde a notícia é construída como mensagem para formar uma opinião pública sobre o acontecimento, junto ao público consumidor, não para informar este mesmo público. (GOHN, 2003, p. 23).

A história da mídia se confunde com a história dos movimentos sociais e, é através dela, que eles conseguem difundir seus ideais. Vários estudos apontam a importância da mídia e como os movimentos tendem a enfatizar a sua atuação “caracterizando-a como filtro ou espelho dos movimentos sociais” (GOHN, 2000, p. 39).

Quando, entre as décadas de 1990 e 2000, a internet começou a tomar grandes proporções, ativistas tomaram a iniciativa de desenvolver novas formas de adesão às suas causas. Os militantes criam links, desenvolvem campanhas e a divulgam nesse novo espaço sem restrições de editorias. Para Gohn (2000, p. 31), “campanhas e mobilizações ganham rapidez e desenvoltura num ativismo digital que democratiza as informações, cruza as idéias e plataformas de ações”. Os movimentos buscam outras maneiras de ocupar os espaços públicos, uma vez que estamos vivendo um processo de mudança na forma de agir, saindo do ambiente digital para os movimentos ativos nas ruas, buscando alcançar a mudança social.

O processo transformador chegou às redes sociais. A era da conectividade proporcionou para os movimentos um espaço público deliberado, com uma comunicação autônoma, características intrínsecas dos movimentos sociais. Essas novas formas, atreladas às três características dos movimentos sociais engajados na internet, vêm ao encontro de uma nova forma de protesto: livre, imediata e compartilhada instantaneamente. A comunicação é a grande chave para as novas formas dos movimentos, é uma forma que permite que aos MS disseminem e controlem essas informações.

2 Nova mídia: a internet e a revolução dos movimentos sociais

A internet veio para descentralizar a informação, uma mudança no hábito e na cultura dos anos 1970 a 1990, em meio à predominância dos meios tradicionais, época em que o modelo informacional era apenas unilateral. As redes telemáticas funcionam como um processo avançado e mais descentralizado. Para Castells (1999, p. 431), “a internet é a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores (CMC): é a rede que liga a maior parte das redes”.

Por redes, podemos entender como um conjunto de nós que estão interconectados entre si. Ainda segundo Castells (1999, p. 566), “redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação”. Dessa maneira, podemos compartilhar e expandir nossos conhecimentos de modo mais aberto e flexível, suscetível às inovações tecnológicas.

Os jovens utilizam a internet para criar uma forma de se manifestar sem a necessidade de sair de casa. O ciberespaço foi uma forma de integrar novas tribos e dos grupos mostrarem-se sem medo e preconceito de expor seus ideais de luta, manifestando-se muitas vezes por perfis sem caracterização individual. Segundo Gohn (2013, p. 17), “a forma de comunicação entre os jovens manifestantes também se alterou e saber comunicar-se on-line ganhou status de ferramenta principal para ações coletivas”.

Devido às novas tecnologias terem mudado as percepções da mídia e terem aberto um outro espaço pra discussão, também foram criados novos hábitos, que afetam diretamente a nossa cultura. Castells (1999) acredita que a nossa cultura é retirada da história e torna-se mediada pelas redes e seus nós, acrescentando mais valia aos meios que a divulgam e dando mais espaço para uma política informatizada. Dessa forma, os movimentos sociais se inserem nas redes digitais sociais em busca de disseminar suas plataformas de trabalho e atingir um patamar de discutibilidade social.

Os processos de transformação social sintetizados no tipo ideal de sociedade em rede ultrapassam a esfera de relações sociais e técnicas de produção: afetam a cultura e o poder de forma profunda. [...] Como a informação e a comunicação circulam basicamente pelo sistema de mídia diversificado,

porém abrangente, a prática da política é crescente no espaço da mídia. (CASTELLS, 1999, p. 572).

Com as mudanças na estrutura e uma forma de comunicação mais ativa na sociedade, os movimentos sociais também integraram esse modelo horizontal de informar e estar informado. A internet surge como solução para anunciar em grandes escalas projetos, ideologias e todas as estratégias aderidas para mobilizar o público simpatizante e, a partir desse ponto, construir redes de interligação entre mídia, mobilização e movimentos sociais.

Em nossa sociedade, a forma fundamenta de comunicação horizontal em grande escala baseia-se na internet e nas redes sem fio. Além disso, é por meio dessas redes de comunicação digital que os movimentos vivem e aturam, certamente interagindo com a comunicação face a face e com a ocupação do espaço urbano. (CASTELLS, 2013, p. 166).

O ciberespaço surgiu como uma nova forma de adentrarmos em uma sociedade mais democrática. Foi no ano de 1984 que surgiu o território virtual que possibilitou trocas de informações e compartilhamento de experiências. A não hierarquização da informação, a rapidez e as proporções que ela alcança são pontos importantes para a utilização e a disseminação dessa nova forma de se comunicar. A internet não é nada mais do que uma forma de nos relacionarmos, pois “é um meio de comunicação, de interação social” (CASTELLS, 2000, p. 255).

Diante desses fatos, podemos notar uma proximidade ao nosso tema, pois percebemos que, por ser uma rede livre, vai ao encontro dos interesses dos MS, já que eles, muitas vezes, não disponibilizam de grandes verbas para inserções midiáticas e acabam ganhando visibilidade através da rede mundial de computadores. Assim, os MS garantem uma forma de permanecem fomentando as discussões na opinião pública.

Nesse sentido, ressaltamos que a evolução das plataformas digitais impulsionou uma nova forma de interação, as chamadas redes sociais, as quais conquistaram maior atenção em meados do ano de 2008, quando milhares de pessoas começaram a migrar e a utilizar serviços que continham vídeo. A partir desse momento, os EUA estavam adentrando no universo do *Youtube*⁵. No Brasil, o fenômeno dessas redes sociais começou somente em novembro do mesmo ano (2008), quando a catástrofe no estado

⁵ Rede social com compartilhamento de vídeos. Link: <<http://www.youtube.com>>.

de Santa Catarina, em meio ao caos, chamou a atenção em redes como o *Twitter*⁶. Esse tipo de rede propiciou a troca de mensagens instantâneas, compartilhando solidariedade e, com isso, disseminaram o uso de novas plataformas interativas. Segundo Recuero (2009), esses fenômenos possuem como características a mobilização e a ativação do uso de mídias digitais.

O que esses dois fenômenos, tão diferentes, têm em comum? Esses fenômenos representam aquilo que está mudando profundamente as formas de organização, identidade, conversação e mobilização social: o advento da comunicação mediada pelo computador. Essa comunicação mais do que permitir aos indivíduos comunicar-se, amplificou a capacidade de conexão, permitindo que redes fossem criadas e expressas nesses espaços: as redes sociais mediadas pelo computador. (RECUERO, 2009, p. 16).

Os indivíduos estão em busca de formas diversificadas de se conectar e de aparecer. É nesse ponto que os MS tiram proveito do crescimento das redes sociais e disseminam as suas propostas em busca de novos seguidores. Disseminar ideias, compartilhar propostas e difundir informação são os princípios básicos que a internet propõe. As redes sociais são um passo a mais que, além da difusão de informações, buscam pela interação, emoção e conexão com um mundo cada vez mais atualizado. Como percebemos advento das redes sociais foram o ápice do envolvimento dos MS com uma forma de contrapor a mídia massiva. Veremos no próximo tópico como o MST utiliza o *Facebook* para divulgar sua plataforma de trabalho, principalmente no que se refere às Jornadas de Junho.

3 O MST e a utilização do *Facebook* como estratégia de divulgação nas Jornadas de Junho

Os Movimentos Sociais precisam da mídia para conseguir destaque, uma vez que ela detém e garante espaços de visibilidade, trabalho exercido através de suas pautas. Portanto, ao conquistarem presença midiática, os MS poderão, conforme Toro e Werneck (1996), convocar vontades.

Ações de mobilização e engajamento em projetos de mudanças sociais são algumas das marcas importantes nos processos históricos dos MS. A cada forma de

⁶ Rede social comparada a um diário, com mensagens instantâneas e compartilhamento de vídeos e fotos. Link: <<http://www.twitter.com>>.

engajar adeptos, os movimentos ganham força e vitalidade na busca pela realização dos seus projetos. Segundo Simeone (2012, p.2), “o termo mobilização social tem-se tornado cada vez mais corrente no Brasil para designar uma prática de movimentação de pessoas e instituições, essencial para o exercício da cidadania num contexto democrático”.

Lembramos que a mobilização da sociedade está intrinsecamente ligada aos processos de comunicação. Nesse sentido, relacionaremos estudos que abordam a mídia, a opinião pública, os MS e, principalmente, a abertura da democracia – ponto primordial para o engajamento de novos adeptos sem repressão social. Segundo Simeone (2012, p.5) “os processos de mobilização são vistos como requisitos para a prática democrática, que demanda participação ativa dos sujeitos e engajamento cívico”.

Entendemos que a internet surgiu como um suporte às mídias radicais, dando aos movimentos sociais uma liberdade maior para expor suas plataformas de trabalho. Percebemos também ao longo desse processo que as redes sociais vieram para mostrar e tentar angariar mais visualizações aos assuntos de discutibilidade pública no universo do ciberespaço.

Com a emergência do ciberespaço (ambientes virtuais comunitários e participativos dos grupos de discussões), a comunicação distribuída suporta uma série de ativismos que vai da distribuição de hacks à articulação de ações coletivas contra sistemas totalitários; de campanhas de adesão para determinadas causas sociais ao trabalho de debate intelectual através de um fluxo constante (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 20).

Dessa forma, vamos utilizar como objeto empírico o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, esse que surgiu no ano de 1984, os trabalhadores rurais se reuniram no estado do Paraná e decidiram por fim fundar um movimento que atendesse todos os quesitos das lutas de forma mais organizada, uma vez que ocupações de terra já vinham acontecendo, desde 1979, no estado do Rio Grande do Sul⁷. Foi dessa forma que surgiu o MST, inicialmente com três objetivos principais: lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por mudanças sociais no Brasil. A importância que o movimento possui, não somente no país, mas em toda a América Latina, faz o mesmo estar ativamente ao longo do tempo. Segundo Gohn (2000, p. 105), “o MST é atualmente o maior movimento social popular organizado do Brasil e, possivelmente o maior da

⁷ Dados retirados do site do MST. Link: <<http://www.mst.org.br>>. Acesso em: 08 jul. 2013.

América Latina. Ele é um movimento agenciador de redes sociabilidade e de participação social no campo”.

Assim, vamos destacar entre as mídias digitais utilizadas pelo movimento (*Twitter* e *Facebook*) a que possui maior engajamento do público⁸, sendo essa o Facebook com mais de 160 mil curtidas, os quais adentraram nesta plataforma no ano de 2010. Vamos analisar o período das postagens que envolveram o fato mais recente de mobilizações no Brasil, conhecidas como Jornada de junho⁹ no ano de 2013. Dessa maneira acompanharemos o comportamento do movimento no mês correspondente as manifestações e veremos o conteúdo divulgado por eles em suas postagens a fim de elucidarmos a participação do movimento em relação às paralisações nacionais e a sua contribuição para a divulgação do assunto em relação a discutibilidade e agendamento midiático do mesmo.

Percebemos que o mês não foi de postagens intensas sobre as manifestações ocorridas no país. O total de imagens e textos disponibilizados pelo movimento foram sete, dessas apenas duas continham conteúdos relacionados as manifestações de junho. No decorrer dessa análise os mesmos estarão expostos para visualizações. Para que possamos ter uma análise sobre o pouco engajamento do movimento, analisamos o número de postagens do mesmo mês (junho) do ano anterior. Totalizamos assim 47 o número de postagens no ano de 2012 do mês de junho.

A primeira postagem é do dia 7 de junho, contra a privatização das escolas que não se refere as Jornadas de Junho. A postagem que dá início ao relato das manifestações data o dia 13 do mês corrente, mobilizando os seus seguidores e demais interessados a assinar petições contra a violência dos policiais militares aos jovens manifestantes.

⁸ Nessa plataforma digital o movimento possui mais de 8 mil seguidores.

⁹ Manifestações populares que surgiu inicialmente para reduzir o preço das passagens do transporte coletivo. Depois reivindicando mudanças na governança do país.



Imagem 1: Postagem intitulada “Violência é a tarifa”.
Fonte: Página oficial do MST no *Facebook*.

Durante um período de três (3) dias a página ficou sem postagens, já que os mesmos tiveram problemas técnicos no servidor¹⁰. Esse processo dos manifestos já se espalhava por diversas cidades do país, outras redes sociais divulgavam pedindo apoio da massa para que os meios tradicionais divulgassem os movimentos.



Imagem 2: Imagem retirada da página oficial do MST

A próxima postagem sobre o manifesto está datada no dia 26 de junho, referenciando a participação de jovens militantes aderentes a plataforma do MST apoiando a causa maior: a mobilização no país. Dessa forma, Gohn (2013, p. 75) afirma

¹⁰ Informação retirada a partir da análise da página oficial do movimento no *Facebook*. Tentamos o contato com o movimento para saber mais sobre o ocorrido e não obtivemos respostas.

que as “redes virtuais criam ações coletivas para projetos sociais de inclusão social e ações de pressão sobre o poder público, cobrando ética na política, transparência nas ações do governo”.



Imagem 3- Imagem referente ao *Facebook* do movimento

O mês de junho apesar de ter sido de grande importância para fomentar a discutibilidade de assuntos públicos, o MST não se relacionou com as mobilizações no país, dessa forma, percebemos que o movimento não tirou proveito da plataforma digital para auxiliar na divulgação do que estava acontecendo. Analisamos ainda que por ser um mês de grandes mudanças, já que as Jornadas de Junho trouxeram grandes reflexões por mudanças e por pautar assuntos de discutibilidade pública, onde as próprias manifestações aconteceram principalmente no ambiente virtual, talvez para o MST as causas não foram tão representativas, já que o engajamento da divulgação na linha do tempo da plataforma digital analisada, foi de poucas postagens. Mostrando que por todo alcance e seguidores de suas redes a divulgação no *Facebook* foi deixada de ser usada, já que o número de curtidas da página tem o alcance de mais de 160 mil seguidores, e o compartilhamento da imagem 3, por exemplo, ficou com 143 seguidores divulgando em suas páginas pessoais.

Na atualidade há grandes diferenças nessas manifestações, dependendo do território onde ocorrem e de suas demandas, assim como há diferenças em relação às marchas dos movimentos sociais do passado. Nos anos de 1980, elas foram comuns em manifestações pelo retorno da democracia, e nos anos

de 1990 entre as camadas populares, especialmente as do meio rural, os sem-terra. No novo século, elas voltaram ao palco nos últimos dois anos, tanto no Brasil como no exterior, agora protagonizadas especialmente por jovens das camadas médias. (GOHN, 2013, p. 67)

A análise foi direcionada a ver o posicionamento do MST para com as manifestações ocorridas durante o período de junho, sendo analisado o comportamento e as postagens do mesmo em relação aos acontecimentos. Percebemos ainda, que a forma como eles utilizaram nesse momento, não correspondem a utilização do *Facebook* como mídia radical e tão pouco foi eficaz na forma de divulgação das manifestações que não vem ao encontro de sua plataforma de trabalho. Essa análise ainda complementa os próximos meses de utilização da rede social divulgando a segunda linha das manifestações, que envolvem assuntos além do Passe Livre, buscando mudanças sociais e deixando em voga as mazelas e as formas de governabilidade do país.

Conclusão

A importância de, hoje, estudarmos o contexto dos movimentos sociais, a estrutura da sociedade e, em linhas gerais, as formas de poder, é de possuímos um maior entendimento do potencial de discutibilidade dos fatos que mobilizam o país. A concentração de um grande número da população reivindicando por melhorias nos faz repensar o processo evolutivo dos movimentos sociais e nos auxilia a perceber como esse engajamento é importante para a sobrevivência dos mesmos e possível resolução de questões sociais.

Sabemos também que a opinião pública parte do princípio de formulação de pensamentos e sentimentos de cada indivíduo, ou seja, de uma opinião privada. A partir disso, entendemos que, esse processo de construção de informação das mídias, podemos formar nossas próprias maneiras de abarcar assuntos e entrar em discussões com mais veemência, possuindo o embasamento necessário.

Vimos, através do trabalho, que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, buscam um espaço para pautar a mídia, porém essa visibilidade ainda não está ativa nos meios de comunicação digitais. No entanto, o uso das novas formas para difundir seus ideais e plataformas de trabalho ajudaram a alavancar essa busca por atuar

na agenda midiática, a partir de ações centralizadas na internet, espaço onde cada vez mais os jovens procuram a informação. Percebemos que a influência das ‘novas mídias’, muitas vezes, faz com que os meios de comunicação tradicionais a utilizem como fonte de informações, retratando os acontecimentos do ciberespaço em suas pautas.

Vimos que as últimas mobilizações que alcançaram destaque nacional pelo meio televisivo aconteceram no ano de 2013, quando boa parte da população saiu às ruas para reivindicar seus direitos sobre o não aumento das passagens (ao menos inicialmente). Porém, foi apenas com muita insistência popular, nas redes sociais, que os meios de comunicação de massa começaram a incluir essa pauta no seu agendamento midiático, conforme destaca um dos capítulos do livro *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet* (Castells, 2013), que reproduz esse episódio, identificando o fervor dos jovens nas redes sociais a favor da mobilização.

Os jovens estão cada vez mais se mobilizando para debaterem novos temas sociais, porém esse engajamento ainda fica restrito em ações no meio digital, conforme afirmou Castells, em entrevista ao congresso Fronteiras do Pensamento, em junho de 2013. Compartilhamentos de informações sobre o não preconceito, liberdade de expressão e lutas contra a homofobia são os assuntos mais difundidos na atualidade, deixando temas como posse de terras e a reforma agrária em segundo plano, como salienta Gohn (2013).

Dessa forma, percebemos a importância da comunicação radical para a sobrevivência dos movimentos sociais, bem como a sua inserção em redes de compartilhamento digital, como as redes sociais. Percebemos ainda, que a cultura ela se modifica conforme o passar do tempo, interligando a evolução da sociedade e os seus interesses de discutibilidade pública.

Percebemos ainda, que analisando a página oficial do MST no *Facebook*, o engajamento não foi expressivo como divulgador das Jornadas de Junho, deixando a desejar enquanto movimento social. O resultado da análise ainda leva em consideração as mudanças do movimento quanto expressividade de suas atividades à campo, ou seja, enquanto movimento mobilizador de adeptos saindo as ruas para elevar as plataformas de trabalho ao consenso da mídia tradicional.

Apesar de o MST ser adeptos a plataforma do *Facebook*, a movimentação durante as Jornadas de Junho não foi tão intensa. Percebemos através da análise, que os

conteúdos ainda não direcionaram sobre a real importância das manifestações, que inicialmente estavam direcionadas ao aumento do preço das passagens de transporte público, mas sim dando um enfoque geral, dando um breve apoio aos militantes.

Ainda há muito campo para estudos referente a influencia da comunicação popular na evolução da sociedade e principalmente no que se refere a estratégias traçadas pelos MS nas redes sociais. O que podemos afirmar, por enquanto, é que ela é importante para a sociedade e cumpre seu papel de democratizar a informação a todas as camadas da mesma, elevando a potencialização da discutibilidade dos assuntos de interesse público.

Referências

AUGRAS, Monique. **Opinião Pública: Teoria e pesquisa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1974.

CASTELLS, M. [Entrevista disponibilizada em 10 de junho de 2013, a Internet]. 2013. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2013/06/a-rede-torna-mais-dificil-a-opressao-diz-manuel-castells-4164803.html>> Acesso em 10 de outubro de 2013 às 18h25min.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GOHN, Maria da Glória. **Mídia, Terceiro Setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Movimentos sociais no início do século XXI**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. **Novas teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. **O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes de solidárias**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Os Sem Terras, ONGs e Cidadania**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Sociologia dos movimentos sociais**. São Paulo: Cortez, 2013.

_____. **Teoria dos Movimentos Sociais**- paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. 2. ed. Rio de Janeiro- RJ: Tempo Brasileiro, 2003.

MAFRA, Rennan. **Entre o espetáculo, a festa e a argumentação** – a mídia, comunicação estratégica e mobilização. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MAFRA, Renan. **Mobilização Social e comunicação**: por uma perspectiva relacional. Mediação, Belo Horizonte, Vol. 11, n. 10, jan/jun. 2010. Disponível em <http://www.fumec.br/revistas/index.php/mediacao/article/view/310>. Acesso em 23 de abril de 2014 às 22h16min.

SECRETARIA NACIONAL DO MST. **Cartilha MST**: Lutas e conquistas. São Paulo, 2010.

SIMEONE, M. Ativismo, movimentos sociais e relações públicas. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling; KUNSH, Waldemar Luiz. **Relações Públicas Comunitárias**: a comunicação em uma perspectiva dialógica transformadora. São Paulo: Summus, 2007, p.92-105.

SIMEONE, Márcio H. **Comunicação e mobilização social na prática da polícia comunitária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PERUZZO, Cicilia Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. Petropolis, RJ: Vozes, 1998

_____. **Relações Públicas no modo de produção capitalista**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1986.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009

TORO, José B.; WERNECK, Nísia M. D. **Mobilização Social**: um modo de construir a democracia e a participação. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1996.

VESTENA, C. Luciana. **O papel da mídia na formação da opinião pública**: a contribuição de Bourdieu. Paraná, 2008. <<http://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/article/viewFile/1144/1089>>. Acesso em: 26 set. 2013.